

Economia - Brasil

O SEGUNDO GOVERNO (1999/2002)

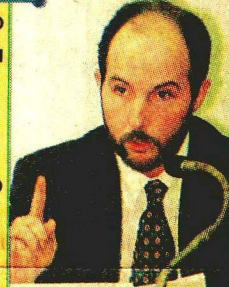
1999



Janeiro No dia 13, o governo faz uma desastrosa tentativa de promover uma desvalorização controlada do real, simultaneamente à saída de Gustavo Franco da presidência do Banco Central, substituído por **Francisco Lopes**, que era o diretor de Política Monetária. Um início de corrida bancária cria o medo de um colapso na dívida pública, e o Banco Central é envolvido em acusações de ter beneficiado duas instituições financeiras, os bancos Marka e Fonte Cindam. O dólar, que era cotado a **R\$ 1,21** antes da desvalorização, chega **R\$ 1,98** no dia 29 de janeiro. A desvalorização foi causada por uma inexorável perda de reservas internacionais, na esteira de uma intensa fuga de capitais. Em abril de 1998, as reservas estavam em **US\$ 73,8 bilhões**, caindo para **US\$ 35 bilhões** em janeiro, mas que correspondiam, na sua maior parte, ao aporte de recursos do FMI (que não pode ser usado para intervir no mercado cambial)

Março **Arminio Fraga**

assume a presidência do Banco Central, e eleva a taxa de juros básica de **21%** para **45%**. O ingresso de Fraga na equipe econômica, vindo da empresa de fundos de "hedge" do megainvestidor George Soros, em Nova York, é bem recebido pelos mercados e criticado pela oposição. Depois de atingir um pico de **R\$ 2,17** em 2 de março, o real se valoriza e passa vários meses acima de **R\$ 1,85** por dólar



Março O programa do FMI com o Brasil é revisado, levando em consideração a mudança do regime de câmbio. O acordo visa a conter o explosivo crescimento da dívida líquida do setor público consolidado, como proporção do PIB, que saiu de **30%** no início de governo para quase **50%** no final de 99. O objetivo de reduzi-la gradativamente para **46,5%** do PIB não é atingido, apesar de o Brasil cumprir com folga as metas de superávit primário, que atinge **3,3%** do PIB em 99, **3,5%** em 2000, **3,7%** em 2001 e deve chegar a **3,9%** em 2002, comparado com resultados perto de zero no primeiro mandato

Junho O sistema de metas de inflação é introduzido, como forma de "ancorar" as expectativas inflacionárias depois do abandono da chamada "âncora" cambial. São estabelecidas metas de **8%**, **6%** e **4%** para os anos de, respectivamente, 1999, 2000 e 2001, com margem de erro de 2 pontos percentuais para mais e para menos

Segundo semestre O dólar volta a subir, atingindo **US\$ 1,98** em 30 de novembro, e fechando o ano em **US\$ 1,95**. Os investimentos externos diretos atingem **US\$ 27,6 bilhões**

Dezembro O IPCA fecha o ano em **8,9%**, próximo à meta de **8%**, e confortavelmente dentro da margem de erro de 2 pontos percentuais. O PIB cresce apenas **0,81%** em 1999, depois de ter quase parado (**0,13%**) em 98. Os resultados da inflação e do PIB em 99, porém, são muito melhores que as previsões catastróficas feitas em janeiro, mês da desvalorização, pelos analistas de Wall Street e muitos economistas brasileiros. O prestígio de Fraga cresce, e o governo Fernando Henrique inicia um dos seus melhores anos

2000

O governo lança o seu segundo plano plurianual de investimentos, o **Avança Brasil**, cobrindo o período 2000-2003. O plano introduziu novos padrões de gestão pública de investimentos, mas foi atingido pelo forte ajuste fiscal do segundo mandato

Março a dezembro No dia 23 de março, o dólar cai a **R\$ 1,72**, o nível mais baixo desde maio de 1999. Ao longo do ano, a moeda americana atinge uma máxima de **R\$ 1,98** em 30 de novembro. O BC corta gradualmente a Selic, que fecha 2000 em **15,75%**

Maio É aprovada a **Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF)**, a peça mais célebre e provavelmente uma das mais importantes do ajuste fiscal realizado por Fernando Henrique Cardoso em seu segundo mandato. A lei institucionalizou vários aspectos do ajuste fiscal, como punições para prefeitos, governadores e presidentes que descumprirem os limites de gastos com pessoal



Agosto O governo vende **28,46%** do capital de controle da Petrobrás no mercado interno e externo, sem perder o controle da estatal, e arrecada **R\$ 7,26 bilhões**. Pela primeira vez, recursos do **FGTS** são usados por seus titulares para comprar ações, em um total de **R\$ 1,6 bilhão**. A operação é um sucesso e, no final de agosto, a valorização dos fundos da Petrobrás atingia quase **60%**



Novembro O **Banespa é privatizado**, sendo arrematado pelo Santander por **R\$ 7 bilhões** (**US\$ 3,6 bilhões** ao câmbio da época), por um valor muito acima do preço mínimo e muito maior do que as expectativas do mercado. A privatização contribui para que os investimentos externos diretos em 2000 atinjam o seu recorde histórico, de mais de **US\$ 30 bilhões**. A entrada destes recursos mais do que financia o déficit em conta corrente, que fecha o ano em **US\$ 24,7 bilhões**, ou **4,13%** do PIB. Apesar do ano bem-sucedido, o déficit em conta corrente acima de **4%** do PIB e o déficit comercial de **US\$ 700 milhões** permanecem como sinais da "vulnerabilidade externa" do Brasil



Dezembro O ano fecha com um IPCA de **6%**, precisamente a meta do Banco Central, e crescimento econômico de **4,36%** (o maior do governo Fernando Henrique). O déficit comercial é de **US\$ 700 milhões**

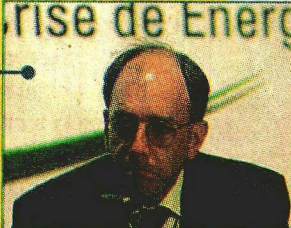
2001

Janeiro Contagiado pela maré de otimismo, o BC baixa a Selic para **15,25%**, o nível mais baixo de todo o governo Fernando Henrique

Março Naufraga a plataforma de petróleo P-36, a maior e mais moderna do mundo, com produção de 90 mil barris por dia, e prevista para atingir 180 mil. A plataforma, com valor de **US\$ 500 milhões**, ficava no Campo de Rincador, na Baía de Campos

Abril/maio O País acorda para a iminência de uma gravíssima crise energética, provocada por investimentos insuficientes, por uma privatização parcial e mal executada e por uma seca inesperadamente forte no Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste. É criada a Câmara de Gestão da Crise de Energia Elétrica (CGCE), para planejar e executar o racionamento de energia

Junho Sob o comando de **Pedro Parente**, presidente da CGCE, começa o racionamento de energia, visando a um corte de **20%** no consumo do Nordeste, Centro-Oeste e Sudoeste. No dia 20, o BC eleva a Selic para **18,25%**



Primeiro semestre As expectativas econômicas se deterioram drasticamente. A perspectiva de racionamento derruba as projeções de crescimento econômico e levanta as de inflação. O dólar também dispara, para perto de **R\$ 2,50**. Ainda no primeiro semestre, a situação argentina começa a se agravar, contagiando o Brasil. E, para completar, a economia americana ameaça entrar em recessão

Julho O risco Argentino, medido pelo J.P. Morgan, começa a disparar, ultrapassando o nível de **1.600 pontos**

Julho a setembro O Brasil sofre o auge do contágio da crise argentina, com o dólar atingindo **R\$ 2,84** em setembro. O risco Brasil ultrapassa os **1.100 pontos**



Agosto A equipe econômica brasileira fecha em tempo recorde um novo acordo com o FMI. O acordo prevê desembolsos de **US\$ 15 bilhões**, e estende-se até o final de 2002

Setembro A balança comercial brasileira inicia uma virada, com um saldo comercial superior a **US\$ 400 milhões** em uma semana. O BC inicia uma estratégia pesada de intervenção no mercado de câmbio pela colocação de títulos e "swaps" atrelados ao dólar, num total de **US\$ 20 bilhões**

Outubro O Brasil se descola do risco argentino, e o dólar começa a cair fortemente, em uma nova onda de otimismo

Dezembro A Argentina entra em colapso, com o semicongelamento dos ativos bancários (corralito), a queda do presidente Fernando de la Rúa e a moratória da dívida pública do país

O Brasil encerra um ano extremamente difícil em uma clima relativamente positivo. O IPCA atingiu **7,7%**, acima do teto da meta de **6%**. O BC se justifica alegando que não faria sentido jogar a economia em recessão para combater os efeitos imediatos de "choques de oferta", como a crise energética e a alta do dólar, que elevam preços sem que a demanda por bens e serviços esteja pressionada. O crescimento econômico fica em apenas **1,51%**, e o superávit comercial em **US\$ 2,6 bilhões**

2002

Janeiro São liberados o preço e a importação dos combustíveis

Janeiro a abril O País vive uma fase de otimismo, reforçada pelo fim do racionamento em fevereiro. Neste período, o dólar cai até **R\$ 2,27**, e o risco Brasil fica entre **700** e **800 pontos**

Abril e maio O dólar volta a subir, e ultrapassa **R\$ 2,50** no fim de maio. Títulos pós-fixados do governo, as LFTs, começam a ser negociadas com algum deságio, refletindo o excesso de papéis colocados no ano anterior e as incertezas sobre o pagamento da dívida pública no novo governo

Maio No dia 29, o Banco Central anuncia que, a partir do dia 30, os fundos mútuos de renda fixa terão de fazer "a marcação a mercado", isto é, a correção diária das suas cotas de acordo com o valor que os títulos têm no mercado secundário. Isso leva os fundos a registrarem imediatamente as perdas já incorridas por causa do deságio das LFTs, e causa um grande susto na classe média. O dólar dispara e o setor de fundos só se recupera com medidas do governo tomadas em agosto

Junho a setembro

A turbulência se agrava. Do lado externo, a economia americana recomeça a ratear, prejudicada pelos escândalos corporativos, como os da Enron e WorldCom. Os mercados reagem ao favoritismo da oposição nas pesquisas eleitorais, preocupados com a fragilidade externa e fiscal da economia. No fim de julho, a dívida pública, impulsionada pelos títulos cambiais, ultrapassa **60%** do PIB. No mesmo mês, o dólar chega a **R\$ 3,47** e o risco Brasil a **2.390 pontos**



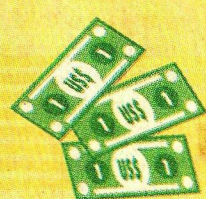
6 de setembro O FMI e o Brasil fecham um novo acordo, que garante um aporte de **US\$ 30 bilhões** até o fim de 2003, desde que o País continue a cumprir as metas fiscais. O superávit primário acertado é de **3,75%** do PIB. Todos os candidatos à Presidência se comprometem a respeitar o acordo com o FMI. O BC desiste de rolar integralmente a dívida cambial



Nas semanas que antecedem o primeiro turno, e entre este e o segundo, os mercados financeiros oscilam entre momentos de grande nervosismo e algumas pausas para respirar. O dólar bate em **R\$ 4** e o risco Brasil ultrapassa **2.400 pontos**. O BC aumenta compulsórios, limita a compra de dólares, vende a moeda americana, leiloeira linhas de crédito e sobe a Selic de **18%** para **21%**, por causa da inflação em alta. Analistas estrangeiros colocam em dúvida a solvência do Brasil. A balança comercial tem uma fortíssima virada, com o superávit anualizado superando **US\$ 10 bilhões**, e uma drástica redução do déficit em conta corrente. Nos últimos dias antes do segundo turno, uma onda de otimismo derruba o dólar para **R\$ 3,73** e o risco Brasil para **1.779**. O Índice Bovespa sobe quase **20%**. A principal causa são os primeiros sinais de que o PT de Luiz Inácio Lula da Silva - virtualmente eleito, segundo as pesquisas eleitorais - terá uma política econômica favorável aos mercados

Texto: Fernando Dantas
Coordenação: Rosângela Dolis
Arte: Gisele Oliveira

DÍVIDA LÍQUIDA DO SETOR PÚBLICO
União, Estados e municípios, em % do PIB



34,3

1997

41,7

1998

49,4

1999

53,3

2000

55,5

2001

64

2002*

*Estimativa do mercado, com o dólar a R\$ 3,7